

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LUZES NO CREPÚSCULO: O CINEMA DE AKI KAURISMÄKI | 10 FILMES PARA UMA CARTA BRANCA
19 de Abril de 2023

LAST HOLIDAY / 1950

um filme de HENRY CASS

Realização: Henry Cass *Argumento:* J.B. Priestley, J. Lee Thompson (não creditado) *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Ray Elton *Som:* Harry Benson *Montagem:* Monica Kimick *Música:* Francis Chagrin *Direcção artística:* Duncan Sutherland *Guarda-roupa:* Ann Wemyss (não creditado) *Interpretação:* Alec Guinness (George Bird), Beatrice Campbell (Sheila Rockingham), Kay Walsh (Mrs. Poole), Brian Worth (Derek Rockingham), Wilfrid Hyde-White (Chalfont), Sid James (Joe Clarence), Helen Cherry (Miss Mellows), Muriel George (Lady Oswigton), Esma Cannon (Miss Fox), Moultrie Kelsall (Sir Robert Kyle), Bernard Lee (Inspector Wilton), Coco Aslan (Gambini), Heather Wilde (Maggie, a criada). Ernest Thesiger (Sir Trevor Lampington), Eric Maturin (Wrexham), Campbell Cotts (Ministro), Brian Oulton (Prescott), etc.

Produção: Watergate Films (Reino Unido, 1950) *Produtores:* Stephen Mitchell, A. D. Peters, J. B. Priestley *Cópia:* digital, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 88 minutos *Estreia:* 3 de Maio de 1950, em Londres *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Um homem sem grande história é informado que tem poucas semanas de vida, despede-se do emprego de vendedor de máquinas agrícolas, decide gastar o tempo e as poupanças num bilhete sem regresso com temporada num hotel de luxo e isto é uma escolha de Aki Kaurismäki. (Aliás, acrescente-se: Kaurismäki não poupou nas recomendações ao longo das sessões que há poucos dias acompanhou na Cinemateca.) Solitário e reservado como tantos posteriores protagonistas finlandeses melancólicos com e sem passado, o homem chama-se George Bird, não tem casa, família ou amigos; a personagem é interpretada por um magnífico Alec Guinness antes da *Ponte no Rio Kwai*, importante título da filmografia do actor nos anos 1950 e um dos filmes do seu trabalho de longo curso com David Lean (iniciado em *The Great Expectations*, 1946). *Last Holiday*, que nunca estreou comercialmente em Portugal, ganhou recentemente uma nova visibilidade – ou pelo menos novas possibilidades de visibilidade, mas continua a ser um filme raro. Raro nesse sentido e raro de singular. Como o protagonista Bird ao dar o grito do Ipiranga, despedindo-se do emprego de uma vida absolutamente indiferente perante a escalada do valor do ordenado que lhe vai sendo proposta. “Vou-me embora, Mr. Dansdale. Mas vou-me embora de vez.” A cena é divertidíssima, sem ser hilariante nem perder a oportunidade de vincar o ponto, como na tirada final do empregado, dirigindo-se ao patrão: “Lembre-se disso com o próximo tipo. Não deixe para quando for tarde demais.” Na mesma linha, as falas no banco em que Bird levanta todo o dinheiro que tem na conta declaram a intenção desdramatizada da personagem: sugestões de investimento? Disparate. “Não vou investir o dinheiro, vou gastá-lo.” Se fosse a ele, o empregado bancário não o faria. “Oh, faria sim, senhor. Até o senhor.”

A história é pois a de um homem banal, a quem, de súbito e sem que nada o indicasse, é dado pouco tempo de vida, decidindo ele fazer algo de memorável nas semanas que supostamente lhe restam. O violino inicial com a sombra do violinista projectada no chão imprime a estranheza e um eco *noir* – uma silhueta recortada no fundo redondo do foco de luz, com outras sombras escarpadas, bastante contraste. Os créditos da produção britânica surgem a seguir, em *raccord* com a chegada musical da orquestra na banda de som. O

minuto final é de novo ao som do violino, no cenário do hotel de luxo em que decorre a maior parte da acção antes de se dissolver num plano simétrico da sombra do violinista. Se esta imagem serve o classicismo da estrutura circular, também é verdade que há, no filme, um violinista em campo, que toca a mesma melodia, rematando a sequência na clínica e a saída de Bird para a rua imediatamente depois de ter sabido da sua morte anunciada. É um velho violinista em traje de cerimónia, que começa por surgir reflectido na vidraça da janela do banco onde Bird estanca o passo. Será cego pelo cartaz que traz consigo – *Pitty the blind...* e não será, diz-nos o plano seguinte ao vê-lo piscar o olho ao atónito Mr. Bird.

Começando numa clínica médica, entre a sala de espera, o consultório, raios-X, a caixa de luz vertical que serve para observar as chapas algures em Londres (?), *Last Holiday* desloca-se para um elitista *resort* nas montanhas (Pinebourn, filmada no cenário de Torquay, e especificamente no hotel The Rosetor, com uma digressão ao Grand Hotel). George Bird não tem evidentemente nada que ver com a clientela “exclusiva” do hotel, o que é imediatamente visível, pela atitude, a maneira como se move entre clientes e trabalhadores com a distinção de uma inata fleuma britânica e seguindo à risca o conselho de que se comporte como “um homem mistério” que lhe é dado pela governanta, com quem cedo trava conhecimento e de quem fica amigo numa cena na lavandaria enquanto a ajuda a dobrar um lençol. No filme, o selecto hotel onde Bird desembarca inscrevendo-se como alguém “sem morada actual”, chama-se Regal. O mundo do hotel Regal – o universo rico dos clientes em lazer, incluindo o de um jovem casal falido, e o universo dos bastidores em que os trabalhadores, incluindo uns ocasionais serventes de obras, se movem tão discretos e eficientes quanto possível (tirando o estardalhaço das obras de urgência ditada por um cliente ainda mais exclusivo que os demais) – adequa-se na perfeição ao enredo engendrado nos enganamentos, as ídoles das pessoas, a sorte, o azar, o destino, o que as pessoas são capazes de fazer com isso. Uma cena como a troca de papéis que uma súbita greve no hotel vem propiciar com o empurrão de Bird, que põe clientes a brincar aos empregados por umas horas e contento de todos, tem essa graça.

Last Holiday, por vezes descrito como uma *comédia noir*, joga com uma diversidade de registos que adensa o nonsense da situação, com os seus revezes, uma saudável dimensão burlesca, digressões românticas, uma progressão dramática que encontra a gravidade final da despedida de Bird. No fundo, a personagem vai falhando várias percepções, até verbalizar como sente a falta de alguém de quem se sinta próximo, sendo mais capaz de simular outra vivência social do que a vivência pessoal. Talvez por isso lhe escape que havia por ali uma alma disponível para a dele na vagamente magoada Mrs. Poole. Ou talvez por isso lhe escape, até a si, que a resposta para tal é ele quem a dá na consulta de início ao médico fatigado antes de este lhe dar a péssima notícia de que sofre da doença de Lampigton (imaginária, uma doença “de cinema”) “Uma vez tive um grande amigo, mas ele foi para África.” “O senhor é um tipo solitário, não é?” “É o que parece, não é?” É uma hipótese. De qualquer modo, a personagem parece encontrar-se no instante irremediável. Não há final feliz (há um espelho partido que o prenuncia), ao contrário de tantos filmes contemporâneos de Aki Kaurismäki em que as vidas desgraçadas ou solitárias ou deserddadas das personagens reivindicam a miragem da luz terrena. E Alec Guinness dá a George Bird resistente uma dignidade humana.

Maria João Madeira